

Serpa entre a Idade do Ferro e a Época Moderna

Breve leitura dos resultados das escavações arqueológicas realizadas no Castelo

Ana Sofia Antunes, Câmara Municipal de Serpa, Técnica Superior de Arqueologia - asofia@cm-serpa.pt

Adriano Guerreiro, Câmara Municipal de Serpa, Assistente Técnico de Arqueologia - adr.guerreiro@gmail.com

Anabela Novais de Castro, Câmara Municipal de Serpa, Assistente Técnica de Arqueologia - anabela.nc@gmail.com

Luís Fialho, Câmara Municipal de Serpa, Arqueólogo estagiário em 2009-2010 - luisfilipes@hotmail.com

Margarida Manteiga, Câmara Municipal de Serpa, Arqueóloga estagiária em 2007-2008 - margarida.manteiga@hotmail.com

Vera Viegas, Câmara Municipal de Serpa, Arqueóloga estagiária em 2008-2009 - marrokinah@hotmail.com

José Braga, Câmara Municipal de Serpa, Assistente Operacional

RESUMO

No âmbito da ampliação e da requalificação do Museu Municipal de Arqueologia de Serpa, a autarquia, através da sua equipa interna, promoveu trabalhos arqueológicos no Castelo entre 2007 e 2010, preconizando-se o pleno enquadramento dos vestígios patrimoniais no projecto e a sua valorização.

Destaca-se o facto de se tratar da área com o maior volume de trabalhos arqueológicos até ao momento efectuados na cidade de Serpa, que se transformará na primeira área musealizada *in situ* integrada na malha urbana.

Adoptou-se uma metodologia de escavação em área, de apreciável extensão, complementada pontualmente por sondagens dirigidas às fundações de diversos elementos da estrutura defensiva, de modo a procurar esclarecer a sua data de edificação.

Os resultados obtidos permitem não só compreender melhor determinados aspectos da estrutura defensiva e da

evolução da própria urbe, como também documentar novos dados, testemunhados em estruturas e em contextos, que recuam a cronologia da ocupação da Idade do Ferro conhecida até à data e que enriquecem a leitura da cidade histórica.

De um modo geral, identificaram-se evidências de construções da Idade do Ferro e de época romana-republicana, das muralhas medievais árabe (de taipa) e cristã (de aparelho pétreo), de uma habitação medieval, da barbacã dionisina e da muralha possivelmente manuelina, de um complexo de produção artesanal (provavelmente uma olaria) de época moderna e das reformulações efectuadas no sistema defensivo neste último período, com destaque para as relacionadas com as Guerras da Restauração da Independência no século XVII e para o impacto da Guerra da Sucessão Espanhola, no início da centúria seguinte.

1. INTRODUÇÃO

Em 2004 a Câmara Municipal de Serpa deliberou no sentido de promover a requalificação do Museu Municipal de Arqueologia, tendo sido assumida a necessidade da sua ampliação, em virtude da limitação de espaços disponíveis para o desempenho das funções museológicas que o programa funcional consagrava, com base nos objectivos do projecto e na legislação em vigor.

Para o efeito a autarquia adquiriu dois imóveis na Rua da Barbacã (n.º 29-33 e n.º 43), os quais permitem ainda, pela sua localização, reactivar o acesso ao Castelo pelo lado Sul, através de um corredor em cotovelo selado em época medieval.

A concretização do projecto na área referida requeria a execução prévia de trabalhos arqueológicos, realizados por administração directa de forma contínua no imóvel n.º 29-33 e no respectivo logradouro, entre Julho de 2007 e Dezembro de 2010. Para o efeito foi reforçada a equipa interna, que contava apenas com uma técnica

superior de arqueologia, que assumiu a direcção técnico-científica dos trabalhos e de um assistente operacional, mediante a contratação pontual de dois assistentes técnicos de arqueologia e a integração de estagiários de arqueologia ao abrigo do programa PEPAL (um por ano) e de trabalhadores indiferenciados enquadrados em programas do Centro de Emprego.

Em virtude do grande volume de informação existente e do estado inicial do seu estudo, neste artigo verterão necessariamente considerações sumárias, direcionadas às grandes fases construtivas detectadas. No entanto, considerou-se fundamental divulgar, num tempo curto, os resultados mais relevantes da intervenção efectuada, numa leitura diacrónica, considerando a escassez de informação existente e publicada sobre a cidade de Serpa, nomeadamente na sua génese e evolução histórica. A continuação dos estudos permitirá doravante efectuar uma divulgação progressiva dos dados, segmentada em conteúdos tematicamente coerentes.

2. O PROJECTO DE AMPLIAÇÃO E DE REQUALIFICAÇÃO DO MUSEU MUNICIPAL DE ARQUEOLOGIA DE SERPA

Conforme referimos no ponto anterior, o projecto de Requalificação e de Ampliação do Museu Municipal de Arqueologia de Serpa decorre desde 2004, data na qual a Câmara Municipal deliberou no sentido do seu desenvolvimento, tendo sido necessário proceder inicialmente ao tratamento sumário, inventário e organização das colecções, de modo a fundamentar, por um lado, a dinâmica expositiva, com destaque desde logo para o programa museológico e para o discurso expositivo e, por outro, a estratégia no plano da conservação activa e preventiva e do estudo do acervo, para além do próprio programa funcional, na aferição das necessidades espaciais e ambientais das colecções.

No Museu, actualmente encerrado para a remodelação, funcionava até então apenas a vertente expositiva, com um discurso e uma apresentação necessariamente datados e dispunha de um espaço exíguo e sem as condições adequadas para Reservas (fig. 1).

O objectivo da requalificação é dotar o Museu da totalidade de funções, espaços e requisitos definidos pela Lei-Quadro dos Museus, de modo a que tenha uma

actuação plena e eficaz. O Museu foi instalado na década de 80 do século passado na Casa do Governador da Alcáçova do Castelo, mas dada a necessidade de ampliar os seus espaços, a autarquia adquiriu alguns imóveis, estrategicamente localizados na Rua da Barbacã (n.ºs 29-33 e 43), aos quais se junta o espaço devoluto que lhes fica de permeio, o que permite, em simultâneo, estimular a valorização patrimonial (encontrando-se as Muralhas de Serpa classificadas como Monumento Nacional desde 1954 - Decreto 39521, DG 21, de 30 de Janeiro) e revitalizar determinados eixos de circulação do Núcleo Intra-Muros de Serpa, classificado como Conjunto de Interesse Público (Portaria n.º 574/2011, de 6 de Junho; DR 109, II S.).

Para além da manutenção do actual acesso pela Travessa do Castelo, futuramente será também retomado o acesso medieval à Alcáçova, através de um monumental corredor em cotovelo, ligado à Rua da Barbacã, selado aparentemente desde o reinado D. Dinis.

A recuperação deste eixo de circulação revela-se fundamental, não só pelo interesse histórico evidente,

mas também porque permite a articulação com outros projectos que a autarquia está a desenvolver em simultâneo – o de consolidação do sistema construtivo das muralhas e o da valorização do caminho de ronda

- precisamente porque será possível criar um acesso a alguns elementos do sistema defensivo actualmente inacessíveis e criar percursos plurais no Centro Histórico.

3. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A intervenção arqueológica incidiu globalmente no espaço ocupado pelo edifício n.º 29-33 da Rua da Barbacã, e no seu logradouro, área localizada no exterior imediato do canto Sudoeste da muralha da Alcáçova do Castelo, tendo sido direcionada em função das necessidades de implementação dos projectos de valorização e de arquitectura (fig. 2).

A escavação arqueológica distribuiu-se por três grandes áreas comunicantes entre si, posteriormente segmentadas, e atingiu um total de 185,50 m² e profundidades variáveis, mas que alcançaram, na maioria da área intervencionada, sequências estratigráficas que ultrapassaram os 4 metros de profundidade, completando um volume global de 594,68 m³.

Por um lado, considerando o objectivo de valorizar a envolvência da designada Torre da Horta (ou da Pólvora), torre de planta sub-rectangular que marca o canto Sudoeste da Alcáçova, complementado com a reabertura do acesso medieval à Praça de Armas através do corredor em cotovelo que atravessa a referida torre, implantou-se a Área I da intervenção arqueológica, com 17 x 5 m, num total 85 m², segmentados numa quadriculagem de 2x2 m, no espaço delimitado a Este pela Torre da Horta, a Oeste pelo muro que dividia o logradouro do edifício, a Norte por um muro que ligava a Torre da Horta ao muro do quintal da Igreja de Santa Maria e a Sul pela parede posterior do imóvel n.ºs 29-33.

A configuração desta área em forma de paralelepípedo rectângulo, bem como a diferença de cota de cerca de 4,50 metros para a área envolvente, resultava do desentulhamento do corredor em cotovelo e do troço entre este e a Alcáçova efectuado em 1980/1981 pela Câmara Municipal de Serpa (Soares e Braga, 1986), que avançou apenas até aos limites do logradouro, por constituir então propriedade privada.

Por outro lado, as áreas da intervenção arqueológica foram implementadas em função das directrizes do projecto de arquitectura. O projecto inicial previa que no piso superior do edifício n.ºs 29-33 funcionassem os

gabinetes de trabalho e o laboratório do Museu, sendo as reservas instaladas na área do logradouro e no piso térreo do imóvel. Estabeleceram-se assim, organizadas numa quadriculagem interna de 2 x 2 m, as Áreas II (9 x 4,30 m) e III (12 x 7 m) da intervenção arqueológica nos espaços definidos pelo logradouro e pelo edifício, respectivamente.

A picagem da parede posterior do edifício n.ºs 29-33, cuja demolição se encontrava então prevista no projecto de arquitectura, deixou a descoberto uma estrutura pétreia maciça que importava definir do ponto de vista funcional e cronológico com a maior brevidade possível, em virtude das possíveis alterações que sugeria ao projecto inicial.

Por esse motivo, a Área III foi dividida em dois segmentos (A e B), tendo-se suspendido a intervenção na Área III-A (12 x 4 m) e avançado de imediato na Área III-B (12 x 3 m), confinante com a estrutura em causa, de modo a agilizar a sua caracterização. Ainda assim, a grande dimensão da Área III-B e a necessidade de obter resultados num prazo mais curto, particularmente no que se referia à data de construção da estrutura, determinaram a opção, em convergência com o IGESPAR, I.P. e com a Direcção Regional da Cultura do Alentejo, I.P., de implantar sondagens direcionadas às fundações, em número de duas, uma junto à face interna (Sondagem I, com 2 x 2 m) e outra junto à face externa (Sondagem II, com 2,20 x 2,20 m). Estas sondagens sofreram sucessivos alargamentos - I-A (2,30 x 2,20 m), I-B (5 x 0,85 m), I-C (1,14 x 0,30 m), II-A (1,60 x 1,50 m) e II-B (2,15 x 1,40 m) -, pelo facto de terem sido sistematicamente identificadas estruturas de grande valor patrimonial e científico, passíveis de musealização e que se sobreponham aos possíveis contextos relacionados com a fundação da estrutura, que revelou constituir uma muralha provavelmente de época manuelina.

A necessidade de confirmar a cronologia fundacional da muralha medieval erigida após a Reconquista e da Barbacã dionisina, bem como de caracterizar as

estruturas da Idade do Ferro e do período pré-romano e romano-republicano, truncadas na área das Sondagens I e I-A pela construção do aparelho defensivo medieval e pelas sucessivas reformulações que este conheceu nas épocas medieval e moderna, ditou a opção de efectuar a Sondagem III (2,50 x 2,20 m), implantada no ponto onde a muralha medieval encastra na Barbacã e onde

se esperaria identificar a continuação das estruturas mais antigas. Esta sondagem sofreu um pequeno alargamento, de 1,14 x 1,30 m, designado de Sondagem III-A, com o objectivo de caracterizar a vala e os níveis de fundação da muralha erigida após a Reconquista Cristã de Serpa.

4. OS DADOS

4.1. CALCOLÍTICO E IDADE DO BRONZE

Na intervenção arqueológica realizada no Castelo por Monge Soares e José Braga na década de 80 do século passado foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica que os autores enquadraram no Calcolítico e na Idade do Bronze, sem ultrapassar o Bronze Pleno. No entanto, este conjunto artefactual integrava-se contextos secundários, particularmente níveis medievais associados à reformulação dionisina da estrutura defensiva (Soares e Braga, 1986), sendo inexistentes estruturas e contextos que permitam caracterizar a natureza destas ocupações.

Na Sondagem III realizada pelos signatários na Rua da Barbacã, num depósito de preenchimento (U.E. [720]) do que interpretamos como possível fosso da Idade do Ferro, marcava presença um fragmento de bojo de cerâmica de ornatos brunidos, com decoração geométrica em ambas as faces, traduzida em losangos preenchidos por um reticulado, cuja filiação no Bronze Final é evidente, encontrando amplo paralelo regional (e.g. Soares, 2005). Os artefactos da U.E. [720] que o acompanhavam constituem exíguos fragmentos cerâmicos, pouco expressivos morfológicamente, o que dificulta a sua caracterização cronológica. No entanto,

os restantes contextos de preenchimento escavados do possível fosso apenas revelaram materiais enquadrados na Idade do Ferro, pelo que nos parece, à luz dos dados disponíveis, que o fragmento de cerâmica de ornatos brunidos se encontrava num contexto secundário.

Esta circunstância e o carácter residual do fragmento do Bronze Final não nos permitem, por ora, tecer considerações mais desenvolvidas sobre uma possível ocupação dessa cronologia em Serpa e, sobretudo, analisar a sua relação com a instalação da Idade do Ferro. Na verdade, o conjunto artefactual do Calcolítico e do Bronze Pleno e Final podem testemunhar a presença humana no local sem que a mesma tenha necessariamente de se perspectivar em moldes de continuidade e de sequência diacrónica efectiva, sendo conhecida uma densa ocupação do território imediatamente envolvente da actual cidade nas épocas referidas.

Todavia, uma análise mais alargada e definitiva desta problemática só poderá ser realizada com o surgimento de novos dados relativos ao Calcolítico e à Idade do Bronze sob a actual cidade de Serpa.

4.2. A IDADE DO FERRO

Quase dois metros abaixo da actual cota de circulação da Rua da Barbacã, identificaram-se os mais antigos vestígios da ocupação de Serpa, em contextos primários. Embora já tivessem sido identificados testemunhos da ocupação do período Pré-Romano na cidade, os dados agora detectados permitem-nos recuar a ocupação da Idade do Ferro, até à data situada em torno aos séculos IV-III a.C. (Braga e Soares, 1981; Soares e Braga, 1986), para uma cronologia balizada entre o segundo

quartel / meados do século VII e meados do século VI a.C., segundo aponta o conjunto cerâmico recolhido, apesar de reduzido e muito fragmentado, com destaque para os fragmentos de ânfora de tipo R1 / 10.1.2.1 (Ramón Torres, 1995, 231) provenientes de alguns dos depósitos (U.E. [534] e U.E. [539]) do preenchimento de uma estrutura negativa (U.E. [549]) que interpretamos como possível fosso (fig. 3).

Esta estrutura aparentemente linear foi escavada

no substrato geológico, que é brando (gabrodiorito), conhece uma direcção Este-Oeste e foi reconhecida em 8,09 m de comprimento (dos quais apenas foi possível escavar 2,48 m, uma vez que na restante área se lhe sobreponham estruturas), cuja funcionalidade suscita algumas dúvidas, uma vez que não é possível definir com absoluta certeza a sua morfologia.

A caracterização desta estrutura não se apresenta fácil, em virtude de se encontrar escassamente representada, sendo aqui avançada uma hipótese de morfologia geral e de funcionalidade que admitimos naturalmente que possa vir a ser revista pelo desenvolvimento dos trabalhos arqueológicos e da análise dos dados de campo.

Quando em presença apenas do segmento inferior da estrutura negativa (nas Sondagens I e I-A), cuja profundidade e largura se aproximavam de um metro, apontámos a possibilidade de se tratar de um fosso de pequena dimensão, à semelhança do que foi identificado no povoado do Passo Alto, em Vila Verde de Ficalho (Soares, 2003; Soares, et. al., 2009; Soares, Antunes e Deus, 2012), embora não excluíssemos outras hipóteses, como uma estrutura de escoamento de águas ou até outra funcionalidade. A secção que apresenta (em V) e a aparente linearidade, bem como o paralelo referido, sugeriam-nos no entanto, com maior probabilidade, uma funcionalidade como fosso.

É necessário analisar globalmente as evidências das Sondagens I, I-A e III para tentar obter um melhor entendimento da estrutura. Embora nas Sondagens I e I-A se documente um segmento de secção em V de ângulo mais fechado, com cerca de 1 m de profundidade e 1,13 m de largura máxima (na área escavada), o qual na Sondagem III se localizará precisamente sob o eixo da muralha medieval, circunstância que impossibilitou o seu registo nesse local, a acentuada inclinação do substrato geológico nas três sondagens e o seu aspecto regular, indicando afeiçãoamento, induzem a ponderar uma maior largura para esta estrutura negativa. No canto Norte da Sondagem III o substrato geológico apresenta-se mais aplanado do que na restante área, o que poderá indicar um limite para esta estrutura negativa, que assim conheceria uma profundidade global em torno aos 2 m e uma largura que, invocando parâmetros de simetria, superaria os 3 m (fig. 4).

A caracterização desta estrutura como fosso resulta assim mais evidente quando tomado em consideração o que parece ser o seu segmento superior, em virtude

da maior dimensão (em largura e profundidade) que ostenta. Efectivamente, seria importante obter no futuro uma área de escavação arqueológica que permitisse identificar esta estrutura negativa em moldes mais completos, para que ficassem esclarecidas as dúvidas remanescentes.

A existência de uma muralha ajudaria a corroborar a funcionalidade desta estrutura negativa como fosso, considerando a sua usual integração em sistemas defensivos, antecedendo as muralhas, como verificamos regionalmente no Passo Alto (Díaz-Martínez et alli, 2005; Soares, 2003; Soares, et. al., 2009), no Castro dos Ratinhos (Berrocal-Rangel e Silva, 2007 e 2010) ou no Outeiro do Circo (Serra e Porfirio, no prelo a e b). No entanto, em Serpa, na área escavada, não surgiram quaisquer evidências de uma muralha anterior à islâmica, sendo necessário sublinhar, por outro lado, que as cotas nas quais se regista a ocupação da Idade do Ferro foram alcançadas apenas em áreas muito reduzidas, sendo o aprofundamento da escavação arqueológica nas Áreas II-III fundamental para o esclarecimento desta questão.

O único dado que poderá fazer-nos ponderar a existência de uma muralha pré-medieval é o acentuado desnível existente entre a Rua das Varandas e a Rua dos Farizes, que corresponderá grosso modo ao talude artificial representado por Duarte de Armas em 1509 sob o pano Oeste da cerca urbana medieval e que, por sua vez, poderá denunciar a presença de estruturas anteriores (fig. 5, n.º 1).

Neste ponto é importante assinalar que, no local do talude, concretamente na Rua das Varandas, na ligação entre a Torre que ladeia a Porta Nova e o Palácio dos Marqueses de Ficalho, sob o pano Oeste da cerca urbana dionisina, foi registado, na década de 80 do século XX, um corte estratigráfico derivado do rebaixamento de toda a área contígua à muralha, motivado por trabalhos de beneficiação do acesso ao Castelo, que revelou depósitos cronologicamente enquadrados pelos autores com base nos artefactos nele recolhidos (cerâmicas estampilhadas, com decoração incisa e pintada, para além de cossoiros decorados) entre os séculos IV e III a.C. (Braga e Soares, 1981).

O acompanhamento arqueológico das obras de renovação de infra-estruturas da Rua das Varandas, enquadradas no Plano de Requalificação Urbana e Funcional do Centro Histórico de Serpa, efectuado em 2004 pelos serviços da autarquia permitiu confirmar os dados dos anos 80, não possibilitando todavia a

exiguidade das áreas registadas, limitadas à dimensão das valas executadas, tecer considerações de teor cronológico, contextual ou funcional mais desenvolvidas (Antunes, 2005).

Ao longo do limite superior do que interpretamos como o possível segmento inferior do fosso, onde a estrutura assume uma inflexão que define uma secção de ângulo mais fechado, registaram-se pequenos buracos de poste (com um diâmetro e uma profundidade médios de 10 cm), três nas Sondagens I-IIA (espaçados 0,60 m e 1 m entre si) e um na Sondagem III. Estas estruturas, escavadas na rocha, sugerem a existência de uma estrutura em material perecível (madeira provavelmente) apoiada sobre o possível fosso, indicando a estratigrafia que ambos estariam em funcionamento em simultâneo, tendo os buracos de poste sido preenchidos com alguns dos depósitos de preenchimento do possível fosso, o que revela igualmente que a estrutura teria sido desmontada.

Sobre a natureza desta estrutura em material perecível apenas podemos especular, admitindo que nos buracos de poste se encaixariam estacas com uma tendência vertical que suportariam uma base horizontal, não sendo possível determinar se se trataria de uma estrutura que cobriria na íntegra ou em parte o possível fosso (eventual passagem) ou a que altura se colocaria.

No Corte 3 escavado em 1985 e 1986 no interior do Castelo por António Monge Soares e José Braga, localizado no troço entre a Torre da Horta e a Alcáçova, próximo da Área I da intervenção arqueológica realizada pelos signatários, identificaram-se níveis arqueológicos balizados pelos autores entre os séculos IV-III a.C., destacando-se uma parte de um muro de uma possível habitação, com orientação sensivelmente NO-SE, do qual se conservava apenas uma das faces e cuja técnica de construção recorreria a paredes de taipa alicerçadas num soco de pedra. A cronologia do século IV a.C. é confirmada por um fragmento de cerâmica ática, tendo sido também recolhidos fragmentos de cerâmica estampilhada, de cerâmica pintada de tipo ibérico ou turdetano, de cerâmica de decoração incisa e de vasos de janelas triangulares (Soares e Braga, 1986, p. 177, 178, 180, 183 e 196).

Na Sondagem I da escavação arqueológica realizada pelos signatários na Rua da Barbacã, sobre os diversos depósitos responsáveis pela colmatação do possível fosso, foi identificado um troço de um muro (U.E. [367])

– fig. 6 - cuja construção se assemelha à do muro do Corte 3 da escavação de Monge Soares e José Braga, baseando-se no assentamento de uma ou duas fiadas de blocos pétreos de média dimensão, de tendência mais aplanada, sobre outros de pequena dimensão e mais irregulares, que lhe serviriam de soco, admitindo-se que a morfologia e a disposição dos blocos do topo, configurando uma superfície aplanada, suportariam um muro construído em terra (taipa, provavelmente).

A construção deste muro e a utilização do compartimento por si definido enquadram-se na Idade do Ferro, embora não seja possível por ora determinar uma cronologia mais fina, em virtude do estado incipiente do estudo do conjunto artefactual.

A diminuta dimensão registada deste muro (0,75 m x 0,80 m), limitada por um lado, pelo tamanho da sondagem e por outro, pela afectação que sofreu com as acções de construção e de reconstrução da muralha medieval, condicionam a sua caracterização, sendo também difícil apontar a sua orientação, que parece alinhar-se num eixo N-S, aproximadamente.

Não é possível por ora saber, no caso dos dois muros referidos, se estamos perante estruturas estritamente coivas ou que partilham com efeito a mesma fase construtiva, sendo particularmente escassos os dados para avançarmos quaisquer conclusões relativas ao urbanismo da Idade do Ferro em Serpa.

A Oeste, numa sondagem efectuada no interior do Restaurante Zens em 2001, situado no topo da elevação, no âmbito de uma intervenção de arqueologia preventiva decorrente da execução de uma obra particular, foram igualmente detectados níveis arqueológicos da Idade do Ferro. No entanto, não é possível encetar uma caracterização mais aprofundada desta realidade, uma vez que apenas dispomos de um relatório preliminar da intervenção (Santos, 2001).

A confirmar a expansão da ocupação da Idade do Ferro para Sul, encontram-se os vestígios da Ladeira do Amaral, onde se recolheram alguns cossoiros decorados, depositados no Museu Municipal de Arqueologia.

Na Idade do Ferro, o povoado de Serpa seria assim globalmente delimitado pela Rua dos Farizes, a Norte, pela Rua da Barbacã, a Sul e a Este e pela Rua das Varandas, a Oeste, correspondendo ao promontório de cota mais elevada que aqueles arruamentos circundam, com cerca de 3 hectares, como foi já evidenciado por outros investigadores (Soares e Braga, 1986).

4.3. A ÉPOCA ROMANA

Na área intervenção na Rua da Barbacã, na Sondagem I, uma nova fase construtiva, à qual se associa cerâmica campaniense, denuncia a época romana-republicana, sendo ainda prematuro tecer considerações sobre o período que decorreu entre a destruição do muro da Idade do Ferro (U.E. [367]), que foi desbastado até ao alicerço e a edificação do muro mais recente (U.E. [371]), que parece manter a mesma técnica construtiva, recorrendo a blocos pétreos irregulares de pequena dimensão como embasamento para uma fiada regular de blocos afeiçoados, neste caso de tendência sub-quadrangular, sobre os quais se ergueria uma parede de terra (taipa, porventura).

A caracterização deste muro é ainda mais limitada do que a da fase anterior, uma vez que foi destruído quando da construção da muralha medieval e novamente quando da sua reconstrução em época moderna, conservando-se em apenas cerca de 20 cm no plano, prolongando-se depois sob o perfil Este da Sondagem I, mas não se detectando já na Sondagem III (fig. 7).

Os dados previamente conhecidos indicam que a partir do século II a.C., a povoação instalada em Serpa travou contacto com os elementos romanos que iniciavam o reconhecimento e a conquista do território peninsular e, concretamente, do espaço actualmente alentejano, testemunhados num conjunto de fragmentos cerâmicos, dos quais se destaca a cerâmica fina romana, importada, recolhida na Rua das Varandas, designadamente campaniense de tipo A (Braga e Soares, 1981, 120).

A investigação tem apontado uma maior importância de Serpa em época republicana do que durante o período imperial, invocando, entre outros factores, o facto de ter cunhado moeda (Lopes e Carvalho *in* Lopes, Carvalho e Gomes, 1997, p. 137), aludindo ao numisma de bronze que pertence à coleção do Museu Arqueológico Nacional de Madrid, na qual se tem lido *Sirpens* (Vasconcellos, 1898, 65; 1901, 88-89; Gil Farrés, 1966, 285, 294, 333 e 373), forma adjectival (*SIRPENS[E]* ou *SIRPENS[I]*) a que deveria corresponder o topónimo *Sirpa* (Faria, 1995, 151). Todavia, outros autores (Faria, 1995, 151) têm sublinhado a necessidade de encarar com cautela a leitura antiga do numisma (*Sirpens*), não só pelo desgaste que apresenta, como pela incompatibilidade com a grafia de outras inscrições nas quais o topónimo é referido, caso de uma lápide (Sillières, 1990, 443-

446) e do Itinerário de Antonino, nos quais se lê *Serpa*, assinalada na via XXI, apesar de a distância de XIII milhas apontada no documento até Évora tornar problemática, por ser evidentemente curta, a correspondência à actual Serpa (Carneiro, 2008, 103-104). António Faria sublinha ainda a semelhança do reverso com o das cunhagens de *Ilipa*, apresentando um tridente sobreposto a um golfinho, que por sua vez encima um crescente lunar (Faria, 1995, 151), argumento que acentua as reticências na associação do numisma à actual Serpa.

De igual modo, a datação apontada para o período de 47-44 a.C., por sintonia com outras emissões da Hispania meridional e a vinculação assumida da cunhagem aos filhos de Pompeio, no contexto da contenda com César (Gil Farrés, 1966, 373) têm vindo a ser revistas, apontando-se cautelosamente um espectro cronológico mais amplo, que engloba a segunda metade do século II a.C. e a primeira metade da centúria seguinte (Faria, 1995, 151), sem que se consiga discernir uma conjuntura mais precisa para a cunhagem.

Efectivamente, a moeda referida continua a constituir um achado isolado, não tendo surgido outros exemplares que permitam confirmar a existência de uma ceca pré-romana ou republicana em Serpa na escavação arqueológica agora realizada. A ter existido uma ceca em Serpa neste período, a cunhagem vocacionar-se-ia para um mercado local, funcionando as cunhagens de bronze como fracções das de prata, nomeadamente dos denários e terá sido pontual, enquadrando-se eventualmente num contexto político e/ou militar que requeria uma maior abundância de divisas (para pagamento de tropas, por exemplo), à semelhança de outros exemplos peninsulares (Amela Valverde, 2007).

A implantação da capital do *conventus* em *Pax Iulia* (Beja) numa data situada entre 31 e 27 a.C. (Faria, 1989, 103-109) foi determinante na reorganização política, administrativa, económica e mesmo social de todo o território que lhe competia administrar, no qual se inclui Serpa. As mutações decorrentes daquele processo ditaram que assumisse um papel como aglomerado secundário dentro do território controlado por *Pax Iulia*, não sendo, no entanto, de menosprezar, a sua localização na importante via de comunicação que ligava Beja (*Pax Iulia*) a Huelva (*Onuba*).

Alguns investigadores avançam a hipótese de Serpa ter constituído uma *mansio* (estabelecimento

de grande dimensão onde pernoitavam os grandes funcionários estatais, englobando diversos edifícios de apoio, nomeadamente aposentos, termas, cavalariças, oficinas e armazéns), devido ao facto de se localizar precisamente sobre o trajecto da via *Pax Iulia-Onuba* e por conhecer uma distância aproximada de XX milhas (um dia de viagem) até Vila Verde de Ficalho (eventualmente a *Fines* do Itinerário de Antonino), que desempenharia o mesmo papel (Lopes e Carvalho *in Lopes, Carvalho e Gomes, 1998, 142*).

Contudo, não é fácil, com base nos dados disponíveis, compreender o papel desempenhado por Serpa na época romana, sendo escassos os vestígios dessa época, sobretudo os do período imperial, embora seja evidente a ausência dos elementos arquitectónicos de cariz monumental que denunciam arqueologicamente as cidades romanas.

Na escavação arqueológica pela qual somos responsáveis não surgiram evidências de habitações do período imperial, embora se reconheçam alguns contextos preservados. Na Sondagem III identificou-se uma estrutura (U.E. [721]) de planta aparentemente circular, escavada em parte na rocha e em parte nos sedimentos de preenchimento do possível fosso da Idade do Ferro, com uma profundidade média de 60 cm, da qual se aprecia apenas um semi-círculo com 1,75 m de diâmetro, uma vez que foi truncada pela vala da muralha edificada após a Reconquista Cristã. No topo dos depósitos que preenchiam esta estrutura identificou-se um *torcolum* de pedra, cujo posicionamento sugeria que teria tombado sobre um dos lados, no sentido Este (figs. 4 e 8).

4.4. A OCUPAÇÃO ISLÂMICA

No período islâmico, Serpa continuou sob o domínio administrativo de Beja, agora transformada em *kura* (Catarino, *in Lopes, Carvalho e Gomes, 1997, 153*). A sua implantação numa suave colina destaca-a do usual modelo mediterrânico de implantação inter-fluvial. A eventual desvantagem geo-estratégica que esta situação poderia acarretar terá sido colmatada, no entanto, pela elevada fertilidade dos campos que a rodeiam (Macias, 2005, I, 150).

A inexistência de uma alcáçova pré-feudal sugere a Santiago Macias a presença de formas de organização comunitária, existindo uma única muralha que circundava

Apesar das limitações de leitura impostas pela escassa conservação desta realidade arqueológica e pela exiguidade da área escavada, avançamos como hipótese de trabalho a possibilidade de a peça se encontrar *in situ* antes de ter tombado, o que denunciaria a presença de um *torcularium* no local. Esta funcionalidade encontra enquadramento na vocação agrícola do território em época romana, denunciada pela multiplicidade de estruturas fundiárias identificadas, com destaque para as *villae* e, sobretudo, pelo elevado número de pesos de lagar conhecidos.

Na intervenção arqueológica realizada na década de 80 do século XX no Castelo foram identificados dois níveis de entulho romano para regularização do terreno, que proporcionaram sobretudo materiais de construção, pelo que a sua datação exacta se encontra dificultada, apontando os responsáveis pelos trabalhos uma data centrada no século I d.C. (Soares e Braga, 1986, 183; Soares, 1986, 19).

Também na intervenção realizada no Restaurante Zens foram registados níveis de ocupação romana, embora o relatório preliminar disponível não teça considerações mais detalhadas sobre esses vestígios, quer quanto à sua funcionalidade, quer quanto à sua cronologia concreta (Santos, 2001).

Ainda dentro da área actualmente urbanizada de Serpa, mas fora do perímetro definido para o Centro Histórico, foram localizados indícios de ocupação romana na Avenida da Paz, os quais poderão encontrarse relacionados com os restantes elementos urbanos da Serpa romana (Lopes, 2003, 78).

todo o povoado, à semelhança da estruturação urbana constatada em Salir, Moura ou no Castro da Cola (Macias, 2005, I, 152).

De acordo com Helena Catarino, é possível que a fortificação islâmica (*hisn*) de Serpa remonte ao período de guerra civil que se seguiu às rebeliões desencadeadas por Ibn Marwan, com o apoio dos chefes locais, contra os Omíadas, na segunda metade do século IX. Com o objectivo de tornar o Gharb independente de Córdoba, formaram-se diversos principados (Reinos de Taifas), que duraram até às primeiras décadas do século X. Ibn Malik instalou-se em Beja e fortificou-se em Mértola,

decorrendo durante este período uma intensa actividade de construção de castelos e de reconstrução de antigos amuralhados romanos, o que torna possível que o mesmo tenha acontecido em Serpa (Catarino, *in Lopes, Carvalho e Gomes, 1998, 153-154*).

Helena Catarino advoga que, nos séculos X-XI, Serpa seria uma pequena urbe amuralhada, com alcáçova para o governador local. Após a queda dos Reinos de Taifas e do Califado, Serpa passou para o domínio da Taifa de Sevilha (juntamente com os actuais distritos de Beja e Faro), sob o governo da família dos Abádidas, com destaque para o rei Al-Mutamid, nascido em Beja. Entre 1088 e 1090, os Almorávidas reunificam o Al-Andalus, terminando com o primeiro período de vigência dos Reinos de Taifas e Serpa passa a depender de Marraquexe, onde se instalara a sede de poder daqueles. No entanto, a partir de 1120 irá iniciar-se uma luta interna entre Almorávidas e Almóadas, que organizam o seu próprio estado, o que favorece os avanços dos exércitos cristãos e a emergência de um segundo movimento de Reinos de Taifas. O movimento dos muridines, apoiado na ideologia religiosa sufista, inicia no Gharb, a partir de 1144, uma sublevação. Ibn Caci, almoxarife de Silves, toma Mértola e alguns dos castelos do seu alfoz, com o apoio tácito de Beja, pelo que Serpa se alinharia também ao seu lado (Catarino, *in Lopes, Carvalho e Gomes, 1998, 154*).

Santiago Macias opina que a fortificação islâmica de Serpa terá assumido particular relevo sobretudo em época califal (segunda metade do século IX) e no século XII, quando funcionou como base de resistência para os Banu Wazir, clã que liderou a revolta no Garb contra os Almorávidas, estabeleceu paz com D. Afonso Henriques e fundou um efémero emirato com sede inicial em Évora, tendo no entanto reconhecido o poder Almoada pouco depois de ser autónomo (Macias, 2005, I, 251).

Nas escavações arqueológicas realizadas na década de 80 do século passado no Castelo de Serpa, foram identificados estratos islâmicos e uma calçada que poderá estar relacionada com a estrutura de taipa (possível torre) que a designada Torre da Horta do castelo gótico incorporou e que foram balizados entre os séculos X-XI, durante o referido período das Taifas (Soares e Braga, 1986, 197).

Na escavação arqueológica realizada pelos signatários, com exceção da muralha de taipa (fig. 9), não se identificaram contextos ou estruturas islâmicas, embora surjam com frequência em contextos

secundários artefactos desse período. Esta circunstância encontra explicação no facto de a área intervencionada corresponder ao espaço imediatamente exterior à muralha, o qual sofreu múltiplas reformulações a partir da reconquista cristã da urbe, que poderão ter rasurado os eventuais testemunhos da ocupação anterior.

A muralha de taipa (U.E. [71]) encontrava-se no perímetro intervencionado (Área I) conservada apenas pela base, apresentando 1,50 m de largura, tendo sido derrubada em época moderna (fig. 10), aparentemente quando da destruição que o Duque de Osuna infligiu ao Castelo em 1708, no contexto da Guerra da Sucessão Espanhola. Este troço da muralha corre paralelo à Rua da Barbacã ligando o possível torreão de taipa incorporado na Torre da Horta do Castelo à torre sineira da Igreja de Santa Maria, eventual mesquita (Macias, 2005, I, 152), assinalando-se de permeio ainda outro torreão, de planta circular. O facto de a torre sineira da Igreja de Santa Maria incorporar no seu interior uma estrutura cilíndrica tem sugerido a correspondência à almádena, não tendo sido possível até à data realizar trabalhos que permitam confirmar esta hipótese.

A muralha de taipa corresponde ao «[...] paredão de nove ou mais palmos de largo construído de formigão de cal e terra, sem pedras e a espaços avultando para o exterior torreões redondos, sendo os dois para Sul mais grossos [...]» a que aludem Frei Francisco Roiz Farº e Frei Manuel Cansado da Costa, priores das Igrejas de Salvador e de Santa Maria, respectivamente, respondendo às Inquirições Paroquiais oitocentistas (Costa e Farinho, 1758).

Na intervenção arqueológica realizada no Restaurante Zens foram igualmente detectados vestígios da época islâmica, sobre os quais não foram fornecidos dados mais detalhados (Santos, 2001), assinalando-se também a presença de materiais dos séculos VI-VII, que corroboram a cronologia alto-medieval de alguns numismas e de exemplares de *terra sigillata* tardia recolhidos em Serpa (Macias, 2005, I, 154).

Abel Viana refere uma lápide islâmica, que havia sido reaproveitada no pano de muralha próximo da Porta Nova e que se encontra actualmente depositada no Museu Nacional de Arqueologia (Viana, 1950, p. 14, fig. 13 e 24-25). Todavia, são escassos os dados relativos a esta inscrição, sendo inexistente uma leitura da peça, que não assumirá no entanto, pelo seu tamanho, uma dimensão funerária, mas antes, eventualmente, comemorativa (Macias, 2005, I, p. 153).

Na área actualmente ocupada pelo parque de estacionamento do Hospital de Serpa, distando aproximadamente 10 m do perímetro amuralhado, foi recolhido em 1984 um conjunto de cerâmicas islâmicas

datado da segunda metade do século XI (Caeiro, 1992), que poderá denunciar a presença de uma pequena exploração agrícola nas imediações da fortificação (Macias, 2005, I, 154).

4.5. DA RECONQUISTA CRISTÃ A D. DINIS

Ao longo das Sondagens I, I-A e I-B identificou-se uma estrutura pétreia (U.E. [208]), constituída por grandes blocos aparelhados, ligados por argamassa compacta de base arenosa, com 4,48 m de altura máxima (e efectiva), 0,60 m de espessura no segmento superior e 0,70 m no topo e 0,94 m na base do segmento inferior, denotando-se tanto pela distinta largura verificada, como pelas diferenças no aparelho, através da leitura do alçado, a existência de momentos de reconstrução pontual (figs. 7, 8, 11, 13 e 16). Interpretamos esta estrutura como a cerca urbana edificada após a conquista de Serpa pelas tropas cristãs, que mantém o eixo da muralha de taipa, mas alarga o perímetro defensivo, localizando-se a 12,83 m para Sul daquela, na área escavada (fig. 2).

A menor espessura que esta estrutura manifesta quando comparada com outras muralhas, bem como a irregularidade da face em alguns troços justificarse-ão possivelmente, na nossa perspectiva, tanto com a necessidade de a edificar num curto período de tempo, como com a escassez de matéria-prima. Conferia-lhe maior robustez, servindo-lhe de contraforte interno, o sedimento no qual a sua vala de fundação foi escavada, bem como o que foi acumulado sobre aquele. As rupturas e reconstruções pontuais verificadas no pano da muralha pétreia sugerem um enquadramento ainda num contexto bélico do processo de conquista-reconquista, cujos contornos mais precisos só poderão ser melhor esclarecidos com o estudo sistemático da cultura material e dos contextos associados.

Sabemos pelas fontes escritas que em 1188, os portugueses sitiam Serpa, mas só em 1232, durante o reinado de D. Sancho II, D. Paio Peres Correia, Mestre da Ordem de Santiago, toma definitivamente a vila (Catarino, *in* Lopes, Carvalho e Gomes, 1998, 156), considerando-se mais provável que o investimento na edificação de uma nova cerca urbana se realize apenas após uma maior segurança no domínio da povoação e até um controlo mais consolidado do território, pelo que, possivelmente, esta muralha terá sido edificada após 1232.

A área do termo de Serpa apenas é consagrada

na documentação escrita em finais do século XIII, quando, em 1281, Afonso X de Castela lhe atribuiu o Foral de Sevilha, com intuits povoadores, delimitando o concelho que, em conjunto com os restantes territórios da margem esquerda do Guadiana, se encontravam ainda sob domínio castelhano.

O espaço escavado por Monge Soares no Castelo de Serpa sofreu uma reformulação ainda em época medieval, tendo sido construída uma nova calçada entre os séculos XI-XII, após o que aquela área foi destinada a cemitério, em torno aos séculos XII-XIV, relacionando-se com a Igreja de Santa Maria (Soares e Braga, 1986: 197). Na Zona Poente de Serpa foram escavadas 123 sepulturas de uma necrópole (mais extensa) que se baliza entre os séculos XIII e XIV e que se encontra igualmente relacionada com a vila de Serpa (Deus e Correia, 2001; Lopes, s.d.; Silva, 1998 e 2000).

D. Dinis, após a atribuição de uma nova Carta de Foral a Serpa, em 1295, ordenou a execução de um extenso reforço do sistema defensivo da vila contextualizado pela necessidade de consolidação da fronteira com Castela, definitivamente traçada desde o reinado de seu pai, D. Afonso III, conforme consagra o Tratado de Alcanises. Ruy de Pina assinala Serpa entre as vilas cujos «[...] alcáceres e castellos fez de fundamento» (Pina, 1729), para o que contou com um terço das rendas das Igrejas de Moura e Serpa, recebidos da Ordem de Avis em 1320. A edificação de uma nova cerca urbana, com cerca de 65 000 m², cujas portas foram ladeadas por torreões de planta circular promoveu a expansão do perímetro fortificado e foi complementada pela implantação de uma linha de atalaias mutuamente inter-visíveis, persistindo ainda hoje, em condições desiguais de conservação, as atalaias da Torre, de Nossa Senhora da Guadalupe, do Peixoto e das Sesmarias.

A edificação de uma barbacã a contornar a alcáçova foi um dos elementos do programa defensivo dionisino, tendo sido colocado a descoberto na Área I da intervenção agora realizada um dos seus segmentos (U.E. [15]), representado por Duarte de Armas, que foi aglutinado pelo crescimento urbano a partir do final da

época moderna, subjazendo uma parte ao logradouro do edifício n.º 29-33 e funcionando outra parte como parede posterior e lateral do mesmo imóvel (figs. 8, 11 e 12).

A barbacã apresenta um ponto avançado imediatamente a Oeste da Torre da Horta (e não a contornar integralmente a torre, como se encontra incorrectamente representado por Duarte de Armas), cuja construção implicou o desmonte do segmento da anterior muralha pétreia aí localizado, tendo o pano que continua na direcção Oeste sido solidamente encastrado na barbacã.

Embora a face Oeste da barbacã se encontre muito descaracterizada pela destruição infligida a alguns dos seus tramos e pelo seu reaproveitamento como parede lateral do logradouro e da habitação de época contemporânea, a sua face Este (fig. 12) revela um excepcional bom estado de conservação, pelo facto de ter sido coberta pelos níveis sedimentares que vedaram o acesso ao Castelo pela Torre da Horta a partir do século

XVIII, ostentando inclusive um conjunto de grafitos e de marcas no reboco.

Adossados à barbacã e à muralha pétreia, pelo interior do perímetro fortificado, foram identificados na Área III da escavação arqueológica dois muros de pedra seca (U.E. [245] e U.E. [246]), com 0,60 m de largura, que formam no conjunto um compartimento (designado por III) com uma dimensão interna de 4,50 x 4,00 m, com a entrada marcada no muro Oeste, que constituía um espaço interior de um edifício de maior dimensão, uma vez que o muro Norte se prolonga sob o perímetro não escavado da Área III (fig. 13). A construção e a utilização deste edifício balizam-se cronologicamente entre a edificação da muralha pétreia, possivelmente no século XIII, como referimos, e a sua reconstrução, no início do século XVI. A realização de estudos sobre a cultura material que lhe está associada permitirá aferir com mais detalhe a cronologia e a funcionalidade deste compartimento.

4.6. O PERÍODO MANUELINO

Conforme se deduz da análise do foral atribuído por D. Manuel I em 1513, o concelho de Serpa era, no século XVI, um dos mais prósperos do Reino, baseando a sua economia na agricultura cerealífera, na ganadaria e na produção artesanal, actividades direcionadas para o comércio. Serpa era, no século XVI, um dos portos secos mais importantes do Reino, por ele passando umas das duas vias de comunicação que ligavam, pelo Sul da Península, Castela a Lisboa, partindo de Sevilha e passando depois por Beja.

No reinado de D. Manuel I, o levantamento que Duarte de Armas efectuou do Castelo de Serpa (Armas, 1509) revela que a muralha pétreia edificada após a definitiva conquista cristã da vila se encontrava em avançado estado de degradação (fig. 5, n.º 2), pelo que manda El-Rei, Senhor de Serpa, por intermédio de seu filho, o infante D. Luís, duque de Beja, a quem tinha cedido o domínio da povoação, erigir novo pano de muralha no mesmo local¹, desta feita adossado à Barbacã.

A edificação do pano de muralha manuelino (U.E. [187]), posto a descoberto pela escavação arqueológica agora realizada (Área III-B), implicou um desmonte

progressivo da muralha medieval (U.E. [208]), de modo a permitir a sobreposição do novo pano de muralha e a criação do espaço de circulação interno necessário. O compartimento III e o próprio edifício medieval no qual se integrava foram igualmente desmontados até à cota de circulação (figs. 6, 7, 14 e 16). A partir dos séculos XVIII-XIX a muralha manuelina foi reaproveitada como parede tardoz do piso inferior dos edifícios da Rua da Barbacã, que se mantém até aos nossos dias.

Ao pano de muralha manuelina referem-se os prelados que responderam em Serpa às Inquirições Paroquiais de 1758, aludindo a «[...] uma barbacã de pedra e cal com ameias [...]» (Costa e Farinho, 1758), em mau estado de conservação à data, que se ligava às Portas do Sol, entrada no perímetro amuralhado medieval que acedia ao actual Largo de Santa Maria / dos Santos Próculo e Hilarião, presentemente não observáveis, desconhecendo-se se foram destruídas quando da erecção da escadaria de Santa Maria ou, à semelhança do piso superior dos edifícios da Rua da Barbacã nesse local, aproveitadas para a sua sustentação e para o nivelamento da cota do Largo.

1 - Agradecemos neste ponto a ajuda prestada pela Professora Doutora Rosa Varela Gomes na aferição cronológica dos contextos associados à fundação da muralha.

4.7. ÉPOCA MODERNA PÓS-MANUELINA

Ao longo da Época Moderna continuaram a efectuar-se reformulações nas muralhas de Serpa, referindo-se as actas da Câmara Municipal a obras efectuadas no contexto das Guerras da Restauração da Independência, a partir de 1640 (Soares e Braga, 1986). É nesta conjuntura que se deverão enquadrar as alterações realizadas na barbacã dionisina, detectadas na Área I da escavação arqueológica. A barbacã foi desbastada a intervalos regulares que oscilam em plano entre 1,50 m e 2,00 m, os quais criaram um escalonamento no Caminho de Ronda que dá acesso a uma plataforma directamente relacionada com um conjunto de ameias e de seteiras então também introduzidas (figs. 10 e 14).

As sequelas da Guerra da Sucessão Espanhola deixaram cicatrizes ainda visíveis no Castelo e nas muralhas, devido à destruição provocada pelo Duque de Osuna quando em 1708 fez explodir o paiol da pólvora na retirada, após sitiaria Serpa durante um ano, causando a ruína das Portas de Sevilha, dos torreões do pano Nordeste da muralha da alcáçova e da Torre de Menagem.

Admitimos que tenha existido também uma tentativa de derrubar a Torre da Horta, que terá apenas resultado na derrocada do pano da muralha de taipa contíguo, no qual existia uma porta (representada por Duarte de Armas), pela qual se fazia o acesso à alcáçova desde a época em que se procedeu à selagem do corredor em cotovelo, aparentemente no reinado de D. Dinis e na derrocada parcial da face exterior do pano de muralha Este da alcáçova, então reconstruída à pressa com a matéria-prima

disponível, destacando-se elementos de móveis e uma lápide funerária romana (Lopes, Carvalho e Gomes, 1997, 116, n.º 26). Esta destruição ficou demonstrada na Área I da escavação arqueológica, na qual se detectou um extenso depósito constituído por grandes blocos amorfados de taipa e que acabou por selar a totalidade do perímetro defensivo definido pelas alterações efectuadas na barbacã, ficando a funcionalidade militar deste espaço definitivamente comprometida (fig. 10).

A reconstrução do segmento destruído da barbacã foi efectuada com tijolo de burro ligada por uma frágil argamassa arenosa, configurando uma estrutura que manifesta problemas de estabilidade e que se relaciona já com o uso habitacional ou produtivo do espaço, a partir de finais do século XVIII.

No exterior da muralha manuelina (Sondagens II e II-A), no ponto onde se adossa à barbacã, foi identificada uma área artesanal, na qual, associado a um piso de tijoleira (U.E. [375]), se destaca um forno (U.E. [343]), cuja câmara de combustão foi preenchida, quando do seu abandono, com diversas peças completas e com algumas fracturadas de cronologia moderna (fig. 15). A ausência de contextos expressivos da utilização do forno e do funcionamento do espaço impedem-nos, por ora, de tecer considerações mais desenvolvidas sobre a funcionalidade desta área, que poderá ser de índole artesanal (eventualmente uma olaria). O arrasamento do forno denuncia a desactivação deste espaço artesanal, construindo-se em seu lugar o edifício ao qual foram atribuídos os n.ºs 29 a 33 da Rua da Barbacã.

5. COMENTÁRIOS FINAIS

Não obstante a visão sintética que o presente texto necessariamente ostenta, em virtude dos limites desta edição e do estado incipiente do estudo dos dados (derivado da vastidão do manancial de informação recolhido), resulta evidente a importância dos testemunhos identificados na intervenção arqueológica realizada nos n.ºs 29 a 33 da Rua da Barbacã, tanto no domínio patrimonial, pela imponência e bom estado de conservação das estruturas, como no âmbito científico, alargando particularmente o conhecimento sobre a história da urbe de Serpa na sua génesis e evolução histórica.

No plano do urbanismo, constata-se que o eixo actualmente definido pela Rua da Barbacã foi ao longo da História de Serpa um elemento marcante na definição

do espaço urbano, ou pelo menos, do espaço ocupado, verificando-se a sobreposição de diversas estruturas delimitadoras, nomeadamente o possível fosso da Idade do Ferro e as muralhas medievais (de taipa e pétreas) e moderna, verificando-se que a morfologia da ocupação da Idade do Ferro vai influenciar a configuração espacial ou mesmo urbanística dos períodos posteriores (fig. 16).

Embora na origem deste fenómeno estejam certamente factores naturais, de ordem topográfica e geomorfológica, colocamos a possibilidade da existência de vias de circulação (importantes mecanismos de fixação de territórios e paisagens) neste eixo ou da actuação de factores relacionados com a memória colectiva.

6. BIBLIOGRAFIA

- ____ (1625), *Tombo do Concelho de 1625*, Arquivo Histórico de Serpa, fonte manuscrita.
- AFFREIXO, J. M. G. (1984), *Memória Histórico-Económica do Concelho de Serpa*, Beja, ed. fac-similada da Câmara Municipal de Serpa.
- AMELAVALVERDE, L. (2007), “Sobre Salaciay otras apreciaciones acerca de algunas cecas de la Hispania occidental”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7, 2, Lisboa, IPA, 243-264.
- ANTUNES, A. (2005a), *Necrópole alto-medieval da “Zona Poente” de Serpa. Relatório do acompanhamento arqueológico das obras da Circular Interna de Serpa. 2004 / 2005*, Serpa, Câmara Municipal de Serpa, inédito.
- ANTUNES, A. (2005b), *Requalificação Urbana e Funcional do Centro Histórico de Serpa. Acompanhamento arqueológico. Relatório Preliminar 2004-2005*, Serpa, Câmara Municipal de Serpa, inédito.
- ANTUNES, A. (2006b), *Requalificação Urbana e Funcional do Centro Histórico de Serpa. Acompanhamento arqueológico. Relatório Preliminar 2005*, Serpa, Câmara Municipal de Serpa, inédito.
- ARMAS, D. de (1997 [1509]), *Livro das Fortalezas*, ANTT, INAPA, Lisboa.
- BRAGA, J. M. R. e SOARES, A. M. M. (1981), “Indícios de uma ocupação da Segunda Idade do Ferro no Castelo de Serpa”, *Arqueología*, 4, Porto, GEAP, 116-123.
- BERROCAL-RANGEL, L. e SILVA, A. C. (2007), “O Castro dos Ratinhos (Moura, Portugal). Um complexo defensivo no Bronze Final do Sudoeste Peninsular”, in Berrocal-Rangel, L. e Moret, P. (eds), *Paisajes Fortificados de la Edad del Hierro. Las murallas protohistóricas de la Meseta y la vertiente atlántica en su contexto europeo*, Madrid, Real Academia de la Historia/ Casa de Velásquez, 169-190.
- BERROCAL-RANGEL, L. e SILVA, A. C. (2010), *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007, [Suplemento de O Arqueólogo Português, 6]*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.
- CABRAL, J. (1968), *Serpa do passado*, Braga, ed. do autor.
- CABRAL, J. (1971), *Arquivos de Serpa*, Serpa, Câmara Municipal de Serpa.
- CABRAL, J. (1973), *Brasões de Serpa*, Serpa, Câmara Municipal de Serpa.
- CAEIRO, J. O. (1979), “Serpa”, *Informação Arqueológica [1977/1978]*, 1, Braga, Universidade do Minho – Unidade de Arqueologia, 27.
- CAEIRO, J. O. (1992), *Cerâmica islâmica do Hospital de Serpa*, Serpa, Câmara Municipal de Serpa, policopiado.
- CARDOSO, L., C.O., (16---1769[1747]), *Diccionario geografico, ou notícia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas*, Lisboa, Regia Offic. Silviana.
- CARNIM, G.; ISIDORO, J. e REIS, M. P. (2000), “Uma necrópole Alto-Medieval em Serpa: primeiros resultados paleobiológicos”, *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Contributos das Ciências e das Tecnologias para a arqueologia da Península Ibérica. Vila Real*, 1999, Porto, ADECAP, 9, 425-429.
- COSTA, Fr. M. C. e FARINHO, Fr. F. R. [1758], “Descrição de Serpa e do seu termo, da sua serra e dos seus rios no ano de 1758”, *Dicionário Geográfico de Portugal*, XXXIV, 987-1028. <http://digitarq.dgarq.gov.pt?ID=4241691>. Código de referência PT/TT/MPRQ/34/137. Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo - TTOnline [em linha] (<http://ttonline.iantt.pt>).
- DEUS, M. e CORREIA, J. (2001), *Loteamento da Zona Poente de Serpa. Relatório da determinação dos limites da necrópole medieval*, policopiado.
- FARIA, A. M. (1995), “Moedas de época romana cunhadas em território actualmente português”, *Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua. Madrid, noviembre 1994. La moneda hispánica. Ciudad y territorio, Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XIV, Madrid, CSIC, Sociedade Portuguesa de Numismática, 143-153.
- FERREIRA, M.^a T. e CUNHA, E. (2001), *A necrópole do Loteamento da Zona Poente de Serpa: suas características e importância*, policopiado.
- GIL FARRÉS, A. (1966), *La moneda hispánica en la Edad Antigua*, Madrid.
- LOPES, M. C. (s.d.), *Escavação de emergência no Loteamento da Área Poente de Serpa*, policopiado.
- LOPES, M. C.; CARVALHO, P. e GOMES, S. M. (1997), *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Serpa, Câmara Municipal de Serpa.
- MACIAS, S. (2005), *Mértola. O último porto do Mediterrâneo*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.

V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

- MONGE, A. M. e BRAGA, J. R. (1986), "Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no Castelo de Serpa", *Arquivo de Beja. 1.º Encontro de Arqueologia da Região de Beja, 17-19 de Janeiro de 1986, 2.ª S., III, Beja, Câmara Municipal de Beja, 167-198.*
- PINA, R. de ([1440-1522] 1729), *Crónica do Muito Alto e Esclarecido Príncipe D. Dinis*, 1.ª ed.
- RAMON TORRES, J. (1995), *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*, Barcelona, Universidad de Barcelona.
- SAA, M. (1963), *As grandes vias da Lusitânia*, vol. IV, Lisboa.
- SANTOS, H. V. (2001), *Relatório preliminar da sondagem arqueológica no Largo Condes de Ficalho, s/n – Serpa*, ArcheoEstudos, relatório policopiado.
- SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (no prelo a), "O povoado do Bronze Final do Outeiro do Circo (Mombeja, Beja). Balanço de 2 anos de investigação", *IIº Encontro de Jovens Investigadores, Universidade do Porto, CEAUCP/CAM, 9, 10 de Abril de 2010.*
- SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (no prelo b), "Bronze Final nos "Barros de Beja". Novas perspectivas de investigação", comunicação apresentada ao *V Congresso de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Almodôvar, 18, 19 e 20 de Novembro de 2010*, Almodôvar, Câmara Municipal.
- SILLIÈRES, P. (1990), *Les voies de communication de l'Hispanie Meridionale*, Paris, Diffusion de Boccard.
- SILVA, A. J. M. (s.d. a), *Estudo do espólio cerâmico proveniente da necrópole medieval do Loteamento da Zona Poente de Serpa*, trabalho apresentado ao Mestrado em Arqueologia Romana da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiado.
- SILVA, A. J. M. (s.d. b) - *Estudo do espólio metálico proveniente da necrópole medieval do Loteamento da Zona Poente de Serpa*, trabalho apresentado ao Mestrado em Arqueologia Romana da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiado.
- SILVA, A. J. M. (1998c) - *Relatório dos trabalhos de escavação arqueológica efectuados na necrópole alto-medieval do Loteamento da Zona Poente de Serpa*, policopiado.
- SILVA, A. J. M. (2000) - *Relatório da segunda campanha de trabalhos de escavação arqueológica efectuados na necrópole medieval do Loteamento da Zona Poente de Serpa*, policopiado.
- SOARES, A. M. M. (1984), "Serpa", *Informação Arqueológica [1981]*, 4, Lisboa, IPPC, 49.
- SOARES, A. M. M. (1986), "Castelo de Serpa", *Informação Arqueológica [1985]*, vol. 7, Lisboa, IPPC, 19.
- SOARES, A. M. M. (2003), "O Passo Alto: uma fortificação única do Bronze Final do Sudoeste". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, n. 2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 293-312.
- SOARES, A. M. M. (2005), "Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8 (1), 111-145.
- SOARES, A. M., ANTUNES, A., QUEIROZ, P. F., DEUS, M., SOARES, R. M. G. M. e VALÉRIO, P. (2009), "A ocupação sidérica do Passo Alto (V. V. de Ficalho, Serpa)" IV Encontro de Arqueología del Suroeste Peninsular, Huelva Aracena. 27-29 Noviembre 2008. Aracena, Ayuntamiento de Aracena, pp. 544-575.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1898), "Coup d'oeil sur la Numismatique en Portugal", *O Arqueólogo Português*, IV, Lisboa, Imprensa Nacional, Museu Ethnológico Português, 65-76.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1901), "Les monnaies de la Lusitanie Portugaise", *O Arqueólogo Português*, VI, 4, Lisboa, Imprensa Nacional, Museu Ethnológico Português, 81-89.
- VIANA, A. (1950), "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. Serpa", *Arquivo de Beja*, VII, Beja, Câmara Municipal de Beja, 3-23.



Figura 1: Alcáçova do Castelo de Serpa. Museu Municipal de Arqueologia (Casa do Governador) e Torre da Horta.

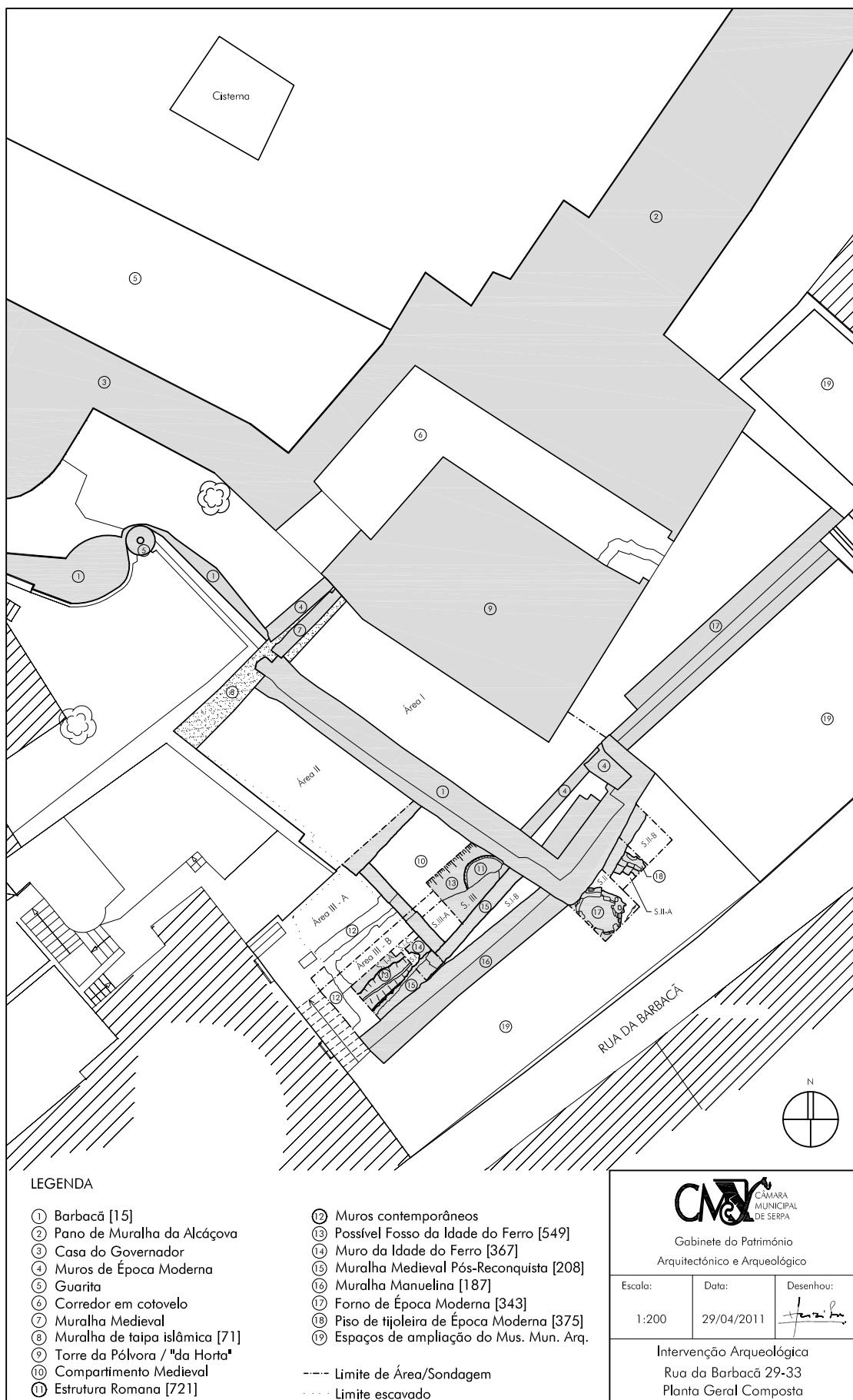


Figura 2: planta geral composta.

SERPA ENTRE A IDADE DO FERRO E A ÉPOCA MODERNA
BREVE LEITURA DOS RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NO CASTELO



Figura 3: Sondagens I e I-A. Possível fosso (segmento inferior) da Idade do Ferro (U.E. [549]).



Figura 4: Sondagem III. Possível fosso da Idade do Ferro (U.E. [549]) e estrutura romana (U.E. [721]).

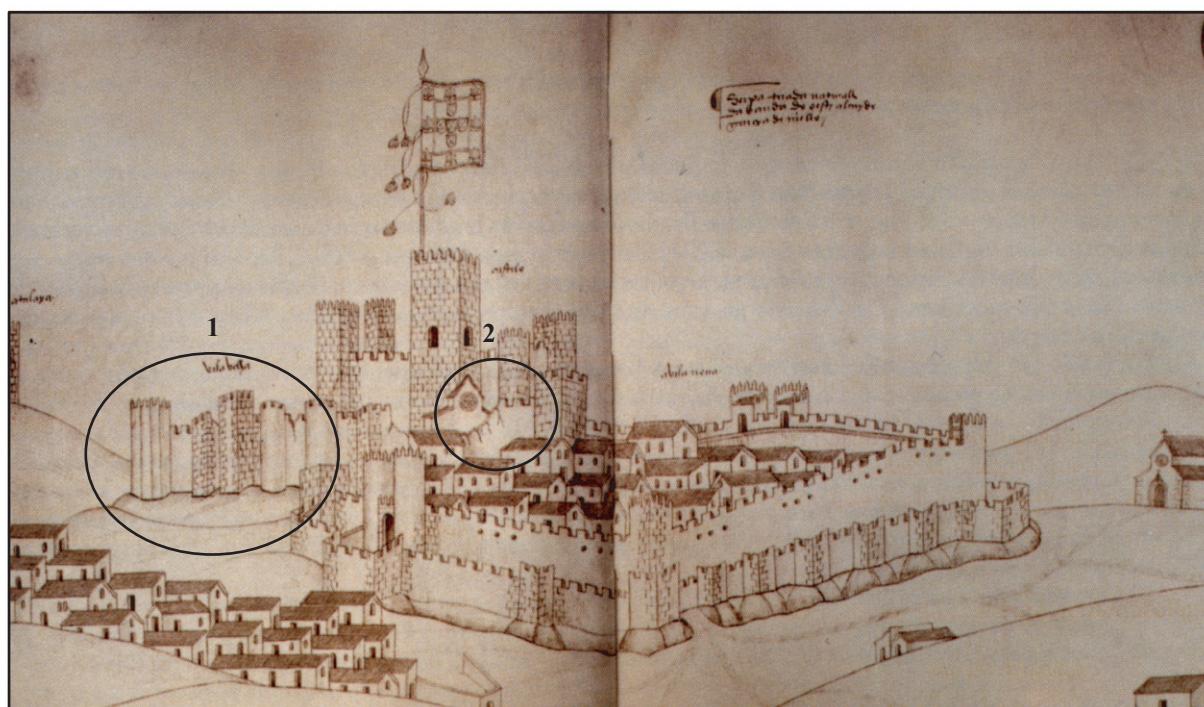


Figura 5: n.º 1- talude sob o pano Oeste da cerca urbana medieval; n.º 2 – pano de muralha medieval em avançado estado de degradação. Representação de Serpa de Duarte de Armas (1509).



Figura 6: Sondagem I. Muro da Idade do Ferro (U.E. [367]), no plano a cota inferior; muro de época romana-republicana (U.E. [371]), no perfil Nordeste; muralha medieval (U.E. [208]) desmontada, no topo da imagem.

SERPA ENTRE A IDADE DO FERRO E A ÉPOCA MODERNA
BREVE LEITURA DOS RESULTADOS DAS ESCAVASÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NO CASTELO



Figura 7: Sondagem I. Muro de época romana-republicana (U.E. [371]), no perfil Nordeste e muralha medieval (U.E. [208]) desbastada, no topo da imagem.



Figura 8: Sondagem III. Estrutura romana (U.E. [721]), muralha medieval (U.E. [208]) e barbacã dionisina (U.E. [15]).



Figura 9: Área I. Muralha de taipa (U.E. [71]).



Figura 10: Área I. Derrube da muralha de taipa, barbacã dionisina (U.E. [15]) e reformulação de época moderna.



Figura 11: Área III. Muralha manuelina (U.E. [187]), à direita e muralha medieval (U.E. [208]) encastrada na barbacã dionisina (U.E. [15]), ao fundo.



Figura 12: Área I. Face Este da barbacã dionisina (U.E. [15]).



Figura 13: Área III. Compartimento III de época medieval e muralha medieval (U.E. [208]) cortada pela muralha manuelina (U.E. [187]), no topo.



Figura 14: Área I. Alterações efectuadas na barbacã dionisina em época moderna.



Figura 15: Sondagem II. Forno (U.E. [343]) de época moderna.



Figura 16: Sondagens I e I-A. Vista geral desde o compartimento III (medieval). Sobreposição da muralha manuelina (U.E. [187]) à muralha medieval (U.E. [208]). A cota inferior, muro (U.E. [367]) e possível fosso (U.E. [549]) da Idade do Ferro.